

I ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

UMA CIDADE EM ESCAVAÇÃO

Teatro Aberto
26, 27 e 28
Nov. de 2015

I ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

UMA CIDADE EM ESCAVAÇÃO

Teatro Aberto
26, 27 e 28
Nov. de 2015

Lisboa, 2017



Título:

I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação
(Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)

Coordenação editorial:

Ana Caessa

Cristina Nozes

Isabel Cameira

Rodrigo Banha da Silva

Design gráfico do Encontro:

João Rodrigues, Ana Filipa Leite

Design gráfico e composição do Livro de Resumos e das Atas:

Rui Roberto de Almeida

Edição:

CAL/DPC/DMC/CML

Centro de Arqueologia de Lisboa / Departamento de Património Cultural /

Direção Municipal de Cultura / Câmara Municipal de Lisboa

Impressão:

Livro de Resumos - Imprensa Municipal / Câmara Municipal de Lisboa

CD Atas - MPO (Portugal)

Tiragem: 450 exemplares

ISBN: *Livro de Resumos* - 978-972-8543-45-7 / *Atas* - 978-972-8543-46-4

Depósito Legal: 433151/17

Advertências:

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. O Centro de Arqueologia de Lisboa declina qualquer responsabilidade por equívocos ou questões de ordem ética e legal.

O cumprimento, ou não, do Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa de 1990 (em vigor desde 2009), assim como as traduções para a língua inglesa, são unicamente da responsabilidade dos autores de cada texto.

Os direitos de autor da obra são extensíveis a todos os documentos, impressos ou manuscritos, com tratamento digital de imagem, nela publicados. Assim, toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a autorização escrita dos autores, ou dos seus representantes legais, nos termos da lei vigente, nomeadamente o Código do Direito de Autor e Direitos Conexos. Em power-points, a reprodução de imagens ou de partes do texto é permitida, com a condição de origem e autoria do texto e das imagens serem expressamente indicadas no diapositivo em que é feita a reprodução.

Para intercâmbio (on prie l'échange, exchange accepted):

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa

Av. da Índia 166, 1400-207 LISBOA, Portugal

A ARQUEOLOGIA DOS ESPAÇOS, A IDENTIDADE E A FISIONOMIA DA CIDADE

RESUMO:

Durante a intervenção arqueológica urbana ocorrida da Praça da Figueira entre 1999 e 2001, entre outros achados, foi identificada uma parte significativa do Hospital Real de Todos-os-Santos, mandado construir em 1492 por D. João II.

Este edifício emblemático da Lisboa Quinhentista tinha uma planta quadrangular organizada em torno de quatro pátios definidos por um corpo central cruciforme, nos braços do qual estavam a igreja do Hospital e as três enfermarias principais dedicadas a São Cosme, São Vicente e Santa Clara.

Embora danificado por um incêndio em 1750 e pelo terramoto em 1755, o Hospital permaneceu em funcionamento até 1775, ano em que foi transferido para o Colégio de Santo Antão-o-Novo (actual Hospital de São José). O edifício do Hospital foi posteriormente demolido no âmbito reconstrução da Baixa Pombalina.

No claustro sudoeste foi identificado um poço, no interior do qual foram recuperados diversos vestígios materiais. Além dos objectos em vidro (publicados anteriormente) e das cerâmicas foram recolhidos ainda artefactos pétreos, metálicos, em osso e em cabedal. O presente artigo analisa os quatro últimos.

PALAVRAS-CHAVE:

Hospital Real de Todos-os-Santos, poço, objectos do quotidiano, metais.

ABSTRACT:

When the urban archaeological intervention at Praça da Figueira occurred between 1999 and 2001, a significant part of the Hospital Real de Todos-os-Santos was identified among other findings.

The emblematic building of 16th century Lisbon had a square plan organized around four courtyards defined by a cruciform central body. Within the arms were the Hospital's church and the three main infirmaries dedicated to São Cosme, São Vicente and Santa Clara.

Although damaged by a fire in 1750 and the earthquake in 1755, the Hospital remained in operation until 1775, when it was transferred to Colégio de Santo Antão-o-Novo (Hospital de São José in these days). The Hospital building was later demolished as part of the Baixa reconstruction plan.

Several archaeological remains have been recovered in a well discovered in the southwest courtyard. In addition to the glass objects (previously published) and the usual ceramics, artifacts made in stone, metal, animal bone and leather were also collected. This article analyzes the four latter.

KEY WORDS:

Hospital Real de Todos-os-Santos, well, everyday objects, metals.

3.15 OBJECTOS DO QUOTIDIANO NUM POÇO DO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS

Carlos Boavida
IAP/FCSH/UNL; AAP
cmpboavida@gmail.com

1. O Hospital

Na Lisboa de finais do século XV, a assistência pública a doentes e enfermos era assegurada por diversos hospitais e albergarias, associadas a confrarias e casas religiosas, que tinham um âmbito territorial relativamente reduzido. A maioria destas instituições existia desde a Idade Média e não se conseguiram adaptar às alterações provocadas no quotidiano da cidade com o aumento das ligações comerciais despoletadas pelos Descobrimientos (SALGADO, 2015, pp. 57-59). O facto de Lisboa ser uma cidade servida por um porto marítimo, onde chegavam navios e pessoas das mais diversas proveniências, levou a que, do ponto de vista sanitário, fossem asseguradas várias medidas para garantir a segurança das populações. Assim, a partir de 1492 foi criada uma defesa preventiva na zona de Belém, que, entre outras funções, fiscalizava a entrada de navios e de pessoas. Foram igualmente implementadas diversas medidas profiláticas para garantir o bom estado sanitário da cidade (MAGALHÃES, 1993, p. 54).

Uma vez que a maioria dos hospitais e albergarias existentes eram de pequena dimensão e sobreviviam à custa de esmolas e doações, muitas acabavam por ser pouco eficientes para satisfazer as necessidades de uma cidade cuja população não parava de aumentar. Tal facto levou à reorganização da assistência pública, não só em Lisboa, como em todo o território nacional, com a agregação dos diversos estabelecimentos assistenciais (LEITE, 1993, p. 5). Reflexo desta política vai ser a fundação dos Hospitais Gerais de Lisboa, Évora, Coimbra, Santarém e Braga (SALGADO, 2015, pp. 105-106).

Foi então criado, em 1492, por iniciativa de D. João II, na antiga horta do convento de São Domingos, o Hospital Real de Todos-os-Santos. As obras foram dadas por terminadas no reinado de D. Manuel I, uma

vez que o seu antecessor faleceu em 1495. Os primeiros internamentos deram-se entre 1501-1502 e o regimento, inspirado no dos hospitais italianos de Siena e Florença, foi aprovado em 1504 (ESPINHEIRO, 1994, p. 449). Além das funções assistenciais, o regimento previa também a criação de uma escola cirúrgica, onde se destacaram diversos nomes da História da Medicina em Portugal (CARMONA, 1954; CARMONA, 1960, p. 136; ESPINHEIRO, 1994, pp. 450-451).

Apontado por Damião de Góis como uma das sete maravilhas da Lisboa Moderna (GÓIS, 2001, pp. 48-49), o edifício tinha planta subquadrangular, no meio do qual existia um corpo cruciforme, onde se situavam as principais enfermarias (São Vicente, São Cosme e Santa Clara), estando na intersecção destas a capela-mor da monumental igreja. Esta organização espacial, com corredores de acessos múltiplos, rodeando os quatro pátios, foi provavelmente inspirada em hospitais italianos contemporâneos, como o de Milão e o de Roma (LEITE, 1993, p. 13).

A fachada principal, virada para o Rossio, no meio da qual estava portal manuelino da igreja ao qual se acedia por uma grande escadaria, era sustentada por uma arcaria, que se prolongava pela fachada do dormitório do Convento de São Domingos, construído durante o reinado de D. Manuel I (GÓIS, 2001, p. 70; ROLO, 1994, p. 795; MOITA, 1994, p. 156).

Além das enfermarias principais, o hospital dispunha de outras para mulheres e homens febris, para feridos, para doentes incuráveis e alienados e de uma enfermaria especial para pessoas nobres. Todos os doentes admitidos eram observados na "Casa das Águas", sala onde existia um banco corrido onde se aguardava vez para se ser atendido. Era o "Banco das Águas" (urinas), designação que se manteve durante séculos para a urgência hospitalar em Lisboa (ESPINHEIRO, 1994, p. 451). Entre outras dependências encontravam-se ainda o refei-

tório, o forno de cozer pão, a cozinha, a botica, a horta e outros espaços de carácter administrativo, assim como os aposentos dos funcionários. Estas últimas eram localizadas na fachada virada para o Rossio e na parte inferior dos claustros (MOITA, 1993, pp. 41-45).

Com o passar dos anos, devido à necessidade de servir uma população cada vez maior, o edifício sofreu sucessivas obras de ampliação, que acabaram por ser uma constante do quotidiano do mesmo durante a sua existência. O número reduzido de enfermarias ao tempo de fundação ascendeu às quase duas dezenas em meados do século XVIII (PEREIRA, 1993, pp. 76-77).

Parte destas obras também se ficaram a dever aos diversos incidentes que atingiram o edifício, em particular os incêndios de 1601 e de 1750. Na sequência deste último, os doentes tiveram que ser realojados noutra local até o Hospital os poder novamente receber. Embora a sua reconstrução se tenha iniciado, a mesma nunca foi concluída dado que o Terramoto de 1755 veio danificar uma vez mais o edifício.

Os doentes foram então evacuados e instalados em tendas na Praça do Rossio, local onde permaneceram apenas algumas semanas¹, tendo sido transferidos depois para as cocheiras dos palácios Castelo Melhor e Almada (ESPINHEIRO, 1994, p. 451; MATOSO, 2012, p. 44) e posteriormente para os celeiros do Mosteiro de São Bento da Saúde, onde por ordem régia, após o cataclismo, foi criado um Hospital Real sob orientação do monteiro-mor Fernão Teles e Sousa (ALBERTO, 2016, p. 31).

O Hospital Real de Todos-os-Santos foi parcialmente reconstruído, chegando a ter cerca de 20 enfermarias em funcionamento em 1769 (PEREIRA, 1993, p. 50). Naquela data, em consequência dos projectos de reconstrução da Baixa Pombalina, foi decretada a transferência daquela unidade Hospital para o Colégio de Santo Antão-o-Novo (da Companhia de Jesus), edifício onde alguns doentes haviam sido igualmente instalados em consequência do Terramoto e que se encontrava sem utilização desde a expulsão daquela Ordem em 1759. O Hospital foi então transferido para aquele local em Abril de 1775, passando a designar-se Hospital Real de São José (SALGADO, 1987, pp. 5-6), tendo o edifício do Rossio sido posteriormente demolido.

2. O Hospital redescoberto: intervenções Arqueológicas

Apesar dos primeiros vestígios do edifício terem surgido em 1953 no restaurante *Irmãos Unidos* (PEREIRA, 1993, p. 50), foi só em 1959, com o início das obras do Metropolitano de Lisboa, que tiveram lugar os primeiros trabalhos arqueológicos na Praça da Figueira, no âmbito

¹ De acordo com carta datada de 23 de Dezembro de 1755, da autoria Nuncio Apostólico em Lisboa, D. Filippo Acciaiuoli, destinada à Santa Sé, a permanência dos enfermos em tendas terminou devido ao facto de na semana anterior se ter registado intensa pluviosidade na cidade de Lisboa, o que levou a uma grande acumulação de águas no Rossio. A presença de entulhos em grande quantidade impediu o escoamento das águas, inundando o local, o que provocou o afogamento de cinco ou seis dos enfermos que se encontravam nas tendas e que não conseguiram fugir pelos seus próprios meios (CARDOSO, 1996, pp. 466-467).

dos quais foram expostas as ruínas do Hospital Real de Todos-os-Santos.

A intervenção foi dirigida por Irisalva Moita, tendo sido identificadas as fundações de uma parte significativa do Hospital, no lado Noroeste da praça, além da Ermida de Nossa Senhora do Amparo e do limite Sul do Convento de São Domingos. Os resultados destes trabalhos foram então publicados em diversos números da *Revista Municipal* editada pela edilidade (MOITA, 1964; 1965a; 1965b; 1966a e 1966b). Foram recuperados os mais variados objectos, onde se inclui diversa cerâmica utilitária, vidros, peças de cobre e de bronze, imagens de santos em barro, azulejos e elementos arquitectónicos. A maioria destes materiais foi alvo de exposição em 1992, integrada nas comemorações dos 500 anos da fundação do Hospital (PEREIRA, 1993), estando alguns deles presentes na exposição permanente do Museu de Lisboa – Palácio Pimenta ao Campo Grande.

Em 1971, durante a abertura das fundações para a construção do pedestal da estátua de D. João I foram descobertas duas lápides, uma delas com decoração em relevo e outra epigrafada. Ambas foram dadas como podendo ter integrado uma das capelas da igreja do Hospital (MOITA, 1972, pp. 92-93).

No âmbito da construção de um parque de estacionamento subterrâneo na Praça da Figueira, dado o potencial arqueológico do local, teve lugar uma intervenção arqueológica urbana (I.A.U.), sob coordenação de Rodrigo Banha da Silva e Marina Carvalhinhos, dos Serviços de Arqueologia do Museu da Cidade. Os trabalhos decorreram entre 1999 e 2001.

A intervenção iniciou-se com a realização de uma série de sondagens geotécnicas, a pedido do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), para avaliar o impacto da nova construção no regime hídrico do subsolo da Baixa. Teve também lugar uma peritagem arqueológica da execução das estruturas de contenção periféricas no limite Este da área intervencionada, uma vez que o proprietário da obra a iniciou à revelia da componente arqueológica². A escavação integral do subsolo da Praça da Figueira ocorreu posteriormente, seguindo os princípios impostos pelo Instituto Português de Arqueologia (IPA).

Figura 1 - Hospital Real de Todos-os-Santos: A - *Vista panorâmica de Lisboa* (pormenor), anónimo, c. 1570, Biblioteca da Universidade de Leyden (Pereira, 1993: 55); B - *Panorâmica de Lisboa* (pormenor), António de Holanda, c. 1530, British Library; C - *Vista de Lisboa* (pormenor), Georg Braun, c. 1597, Biblioteca Nacional de Lisboa; D - *Vista do Rossio anterior ao Terramoto de 1755* (pormenor), Zuzarte, 1787, colecção do Dr. Jaime Celestino Costa (Pereira, 1993: 58); E - *Auto de fé no Rossio* (pormenor), anónimo, 1.ª metade do século XVIII, Solar Monjoje, Rio de Janeiro (Pereira, 1993: 57); F - *O Rossio e o Hospital Real de Todos-os-Santos* (pormenor), anónimo, 1.ª metade do século XVIII, Museu da Cidade (Pereira, 1993: 56 e 62-63); G - *Maqueta de Lisboa antes do Terramoto de 1755* (pormenor), Gustavo Matos Sequeira e Ticiano Violante, 1955, Museu da Cidade (foto Mário Marzagão, 2012); H - *Maqueta do Hospital Real de Todos-os-Santos* (pormenor), Carlos Loureiro, 1992, Hospitais Civis de Lisboa (Pereira, 1993: 60 e 63-64); I - *Reconstituição do Hospital de Todos-os-Santos e do Convento de São Domingos* (pormenor), 2005, Museu da Cidade.

² Informação fornecida por Rodrigo Banha da Silva.

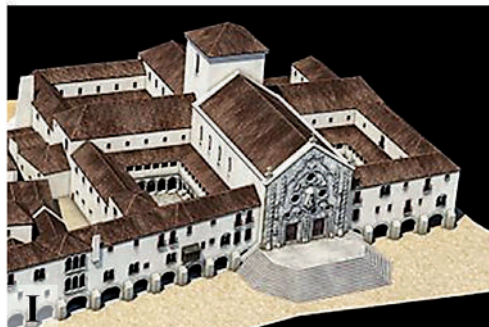
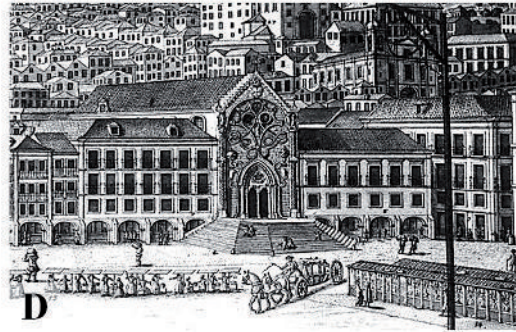
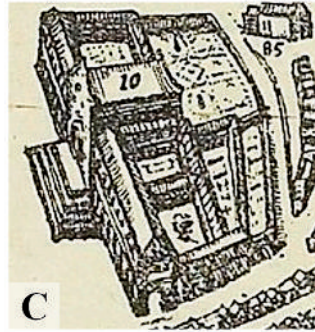
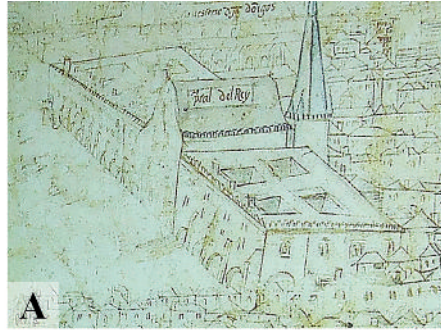


Figura 1

O espaço foi repartido em diversos sectores devido à complexidade da área em apreço, sendo necessário realizar trabalhos mais pormenorizados de acordo com algumas estruturas arqueológicas específicas como sejam o Cano Real do reinado de D. Maria I, o Cano Real do reinado de D. Manuel I (e conduta subterrânea que a este ligava), o cemitério do Hospital (nas traseiras do mesmo) e os poços dos pátios Noroeste, Sudoeste e Nordeste³.

O grau de destruição da maioria das estruturas no nível correspondente ao Hospital não permitiu uma leitura conclusiva daquelas, no entanto, o espólio encontrado veio contribuir de forma única para o conhecimento da história desta unidade hospitalar. Além do mais diversificado espólio e de elementos arquitectónicos avulsos, foi igualmente possível identificar vários compartimentos hospitalares.

Os danos verificados em grande parte das ruínas deveram-se acima de tudo à demolição do Hospital, mas também a algumas intervenções urbanas contemporâneas ocorridas no local, sem o devido acompanhamento arqueológico, anteriores à campanha de 1999/2001. Entres essas destacam-se as construções do Mercado da Praça da Figueira, do pedestal da estátua equestre de D. João I e das subestações da EDP e Carris, assim como a instalação de estruturas de saneamento e demais condutas no subsolo da Praça da Figueira.

Nos últimos anos têm sido apresentados alguns estudos sobre os vestígios do Hospital e o espólio associado, tanto ao nível académico (BARGÃO, 2015), como no âmbito de congressos (CARDOSO, CASIMIRO, ASSIS, 2013; OLIVEIRA, SILVA, 2016; BARGÃO, FERREIRA, 2016) e de outros projectos (SILVA, GUINOTE, 1998; LEITE, 2012; BUGALHÃO, TEIXEIRA, 2015, pp. 93-95; SILVA, LEITE, 2015).

3. O pátio Sudoeste e o poço

Como mencionado anteriormente, o pátio Sudoeste do Hospital Real de Todos-os-Santos foi identificado no âmbito dos trabalhos arqueológicos de 1999/2001. De planta trapezoidal, era limitado a Norte pela igreja, a Este pela enfermaria de São Cosme e a Oeste pela ala do Hospital virada para o Rossio. A face Sul encontrava-se fora da área intervencionada.

Tal como no resto do Hospital, também aqui se verificou uma remoção em grande escala de diversos elementos arquitectónicos para serem reutilizados após a demolição do edifício. Por outro lado, a construção de infraestruturas nesta área em épocas posteriores danificou em grande medida o que restava dos pavimentos deste pátio, preservando-se apenas parte de um constituído por seixos rolados e de outro com lajes de calcário, junto ao muro Este do limite do deambulatório⁴.

Uma vez que uma parte significativa da base dos alicerces fora retirada, foi possível verificar que na construção original do edifício foram utilizadas alvenarias muito compactas provavelmente sobre níveis de aterro dos séculos XII a XV⁵.

3 *Idem*.

4 *Idem*.

5 *Idem*.

Em momento anterior à conclusão do Hospital Real de Todos-os-Santos, sob este pátio foi construído o Cano Real de São Domingos, para garantir a drenagem e manutenção da salubridade do espaço. O troço identificado tinha planta rectilínea, com paredes de alvenaria, que sustentavam uma abóbada com secção em arco abatido, cobrindo um pavimento de terra batida. Existia uma derivação para Este, de construção posterior, por baixo da igreja, junto do alicerce que separava esta do claustro⁶.

O poço localizava-se próximo da face Norte do pátio, junto de um outro vestígio de pavimento lajeado, e apresentava forma cilíndrica, com 1,00 m de diâmetro interno e uma profundidade preservada de 2,80 m. Encontrava-se escavado em níveis mais antigos e era estruturado por silharia regular, não siglada, o que denuncia tratar-se de uma construção posterior à da edificação inicial do Hospital. Foi igualmente reconhecida a estrutura negativa escavada para permitir a construção do poço, que cortou depósitos atribuídos aos séculos XV-XVI (SILVA, RODRIGUES, 2015, p. 2).

No interior do poço, que se encontrava totalmente entulhado, foi recolhida uma grande variedade e quantidade de espólio, atribuído na sua maioria ao século XVII. Apesar de terem sido identificadas cerca de uma dezena de unidades estratigráficas, aquelas mostravam uma grande homogeneidade sedimentar e material.

O espólio é constituído por uma grande diversidade de objectos, onde se destaca a Faiança Portuguesa, a par com a cerâmica comum, a vidrada e a modelada, além de alguns artefactos metálicos, em vidro, em osso e em porcelana. Embora só uma pequena parte do espólio tenha sido até ao momento publicada (BOAVIDA, 2012a; SILVA, RODRIGUES, 2015), o mesmo encontra-se integralmente estudado em âmbito académico (BOTELHO, 2002; RODRIGUES, 2004; BARROSO, NASCIMENTO, MATA, 2005; POLICARPO, RIBEIRO, 2005; BOAVIDA, 2005).

No que diz respeito às faianças foram colectados exemplares datados desde o final do século XVI até aos finais do século XVII, estando presentes maioritariamente produções portuguesas de Lisboa e, numa menor percentagem, das oficinas de Sevilha (Espanha) e de Savona (Itália). Além das peças de carácter utilitário, estão também presentes peças de âmbito hospitalar, como diversos recipientes para produtos farmacêuticos⁷.

De igual modo, as cerâmicas modeladas recolhidas demonstram cronologias de finais do século XVII, inícios do século XVIII. Estas peças, de provável fabrico local/regional, foram produzidas essencialmente com pastas bem depuradas, de tom avermelhado e bege amarelado, com elementos não plásticos de reduzida dimensão, estando a superfície externa das últimas revestida por engobe de cor vermelha, mal conservado. Estão também presentes, mas em número muito diminuto, cerâmicas provenientes do Noroeste de Portugal, em particular do Prado. Não foram encontrados vestígios de cerâmicas pedradas (SILVA, RODRIGUES, 2015, pp. 2-5).

6 *Idem*.

7 Informação fornecida por Paulo Botelho, autor do estudo deste espólio.

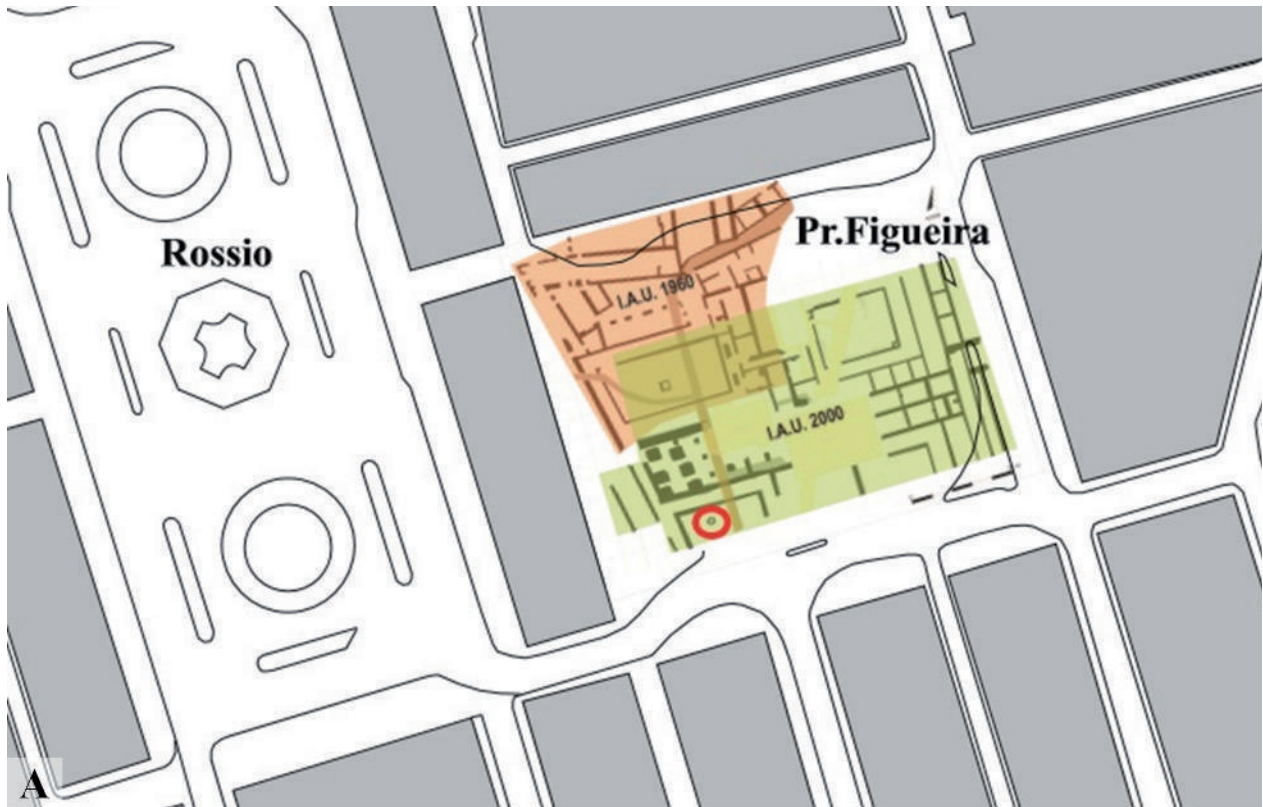


Figura 2 - Sítio arqueológico da Praça da Figueira: A - Planta das estruturas identificadas (1960 - laranja, 1999/2001 - verde) (Silva e Rodrigues, 2015: 7); B/C - Aspectos dos trabalhos arqueológicos de 1960 (Moita, 1965b: 27 e 51); D/E - Aspectos da intervenção arqueológica urbana de 1999/2001 (Silva e Leite, 2015: 50).

4. Os Objectos não cerâmicos

Entre os materiais recolhidos, além de objectos de carácter doméstico ou quotidiano, pertencentes a peças de mobiliário ou de vestuário, incluem-se ainda outros de âmbito hospitalar, religioso e lúdico. A maioria são constituídos em ligas metálicas (49) ou em vidro (214 fragmentos), embora também existam alguns em osso (4), em marfim (4 fragmentos), em cabedal (13 fragmentos), em azeviche (2) e em madeira (2). Em função da matéria-prima que os constitui, o estado de conservação destes materiais foi condicionado pelo nível freático do contexto onde foram colectados.

Se os materiais perecíveis, como a madeira e o cabedal, beneficiaram desse facto, o mesmo não se poderá afirmar em relação aos artefactos metálicos, cujo estado, em muitos casos deficitário, dificulta a sua correcta identificação.

Embora a presença de fragmentos de vidro seja significativa, a mesma não se deve à existência de muitas peças produzidas nessa matéria, mas sim à sua fragilidade.

4.1. Os Vidros

Publicado anteriormente, o conjunto dos vidros corresponde essencialmente a contentores de líquidos, tanto

para armazenamento como para consumo (BOAVIDA, 2012a). Existem três garrafas de diferentes formatos, podendo uma delas, da qual subsiste apenas o bordo, corresponder a um frasco. As duas primeiras foram produzidas em vidro transparente verde-água e a última em vidro transparente incolor (Fig. 4A).

Em relação às peças usadas para consumo de líquidos foram recuperados cinco copos em vidro transparente verde, dos quais dois têm o perfil completo e os outros apenas o fundo, sendo possível que vários dos fragmentos de vidro do mesmo tipo recolhidos possam pertencer a estes últimos. Foi ainda encontrado um cálice de vidro transparente incolor, com uma copa de paredes muito finas, assente em pé em balaústre com base discoidal (Fig. 4B). Este último mostra muitas semelhanças com peças recuperadas noutros sítios arqueológicos de Lisboa, nomeadamente na Casa dos Bicos (AMARAL, MIRANDA, 2002, p. 66, n.º 57) e no Teatro Romano (FERREIRA, 1997, pl. 1, II.3-II.4).

Foram também colectados restos de duas taças, uma em vidro opaco negro e outra em vidro transparente azul-água, sendo esta última decorada por caneluras obtidas por recurso a molde auxiliar. Além destas, foi ainda encontrado o bordo de uma possível tampa de vidro transparente azul-água e duas contas esféricas em vidro opaco azul (Fig. 4C).

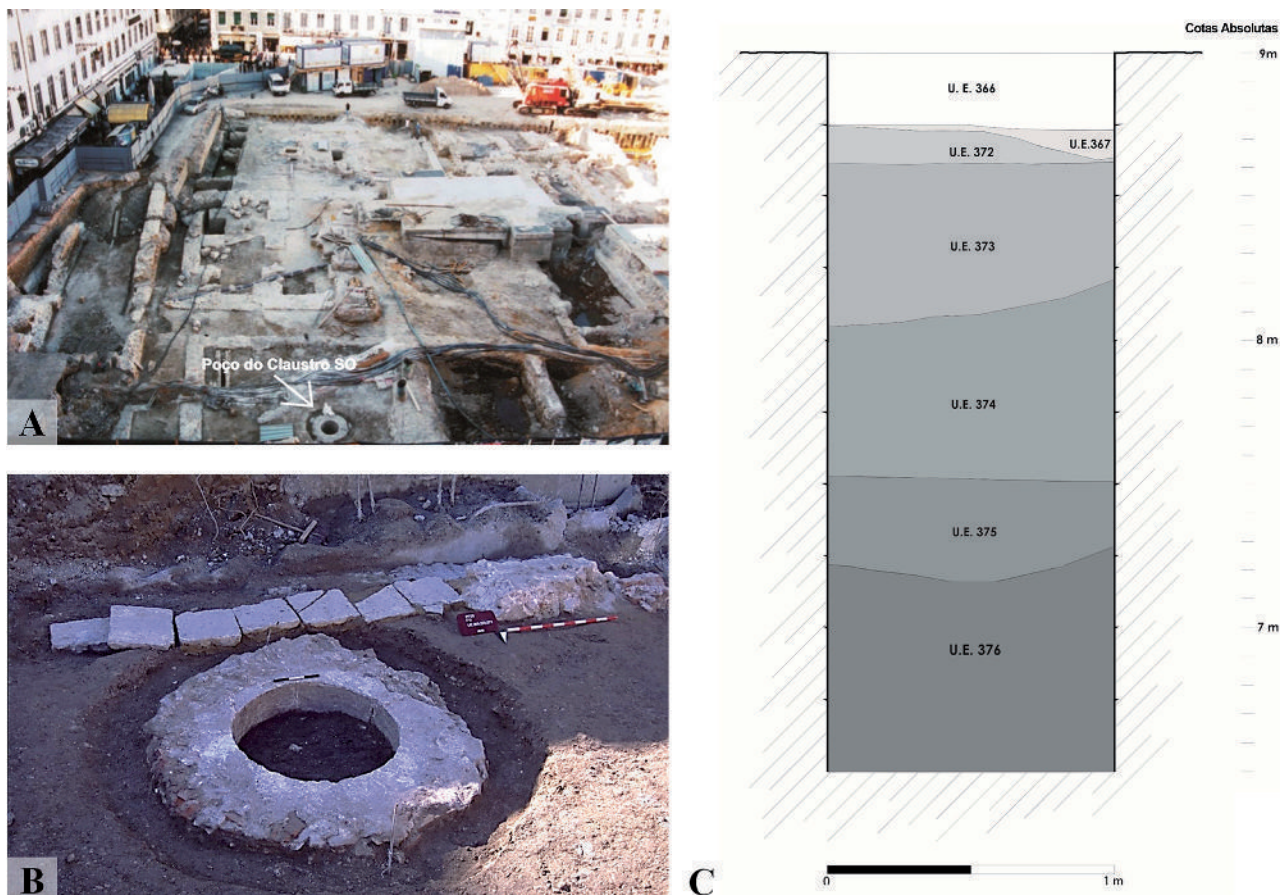


Figura 3 - O Poço do claustro sudoeste: A - Vista geral da intervenção arqueológica urbana de 1999/2011, vendo-se na parte inferior o poço do claustro sudoeste (Silva e Rodrigues, 2015: 7); B - Vista geral do poço do claustro sudoeste (Museu da Cidade); C - Corte estratigráfico do poço do claustro sudoeste (original cedido por Paulo Botelho).

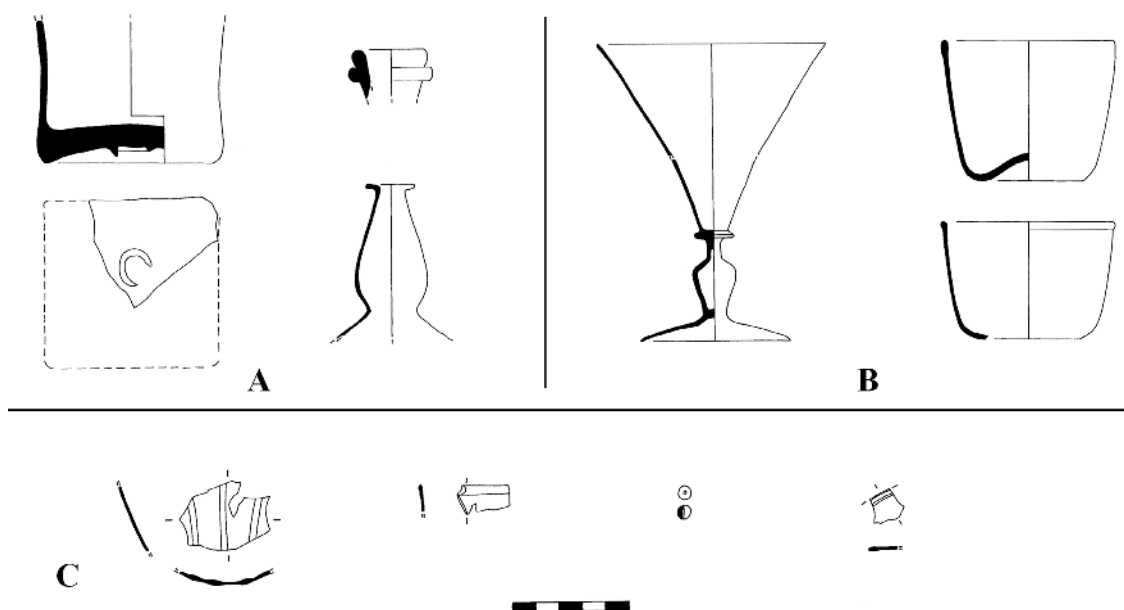


Figura 4 - Os vidros: A - Garrafas; B - Cálice e copos; C - Taças, conta e tampa (?) (Boavida, 2012: 138).

Existem ainda diversos fragmentos de vidro transparente amarelo, dos quais não foi possível identificar a forma a que pertenciam, assim como outros de vidraça em vidro transparente verde-água.

4.2. Objectos em marfim e em osso

Foram encontrados três elementos de seringa de clister em marfim. Um deles estaria na extremidade proximal do êmbolo, enquanto os outros dois se encontravam junto da extremidade distal, pressupondo-se que seriam todos da mesma seringa (Figs. 5A-5D). No Hospital de São José existe seringa de clister, de idêntico formato, em estanho e madeira, que poderá ser proveniente do Hospital de Todos-os-Santos (PEREIRA, 1993, p. 87, n.º 82). Na coleção do Museu da Farmácia existem exemplares muito semelhantes ao caso agora estudado, tanto em marfim, como em estanho, atribuídos ao século XVIII (BASSO, NETO, 2000, p. 101). No Convento de Sant'Ana, em Lisboa, na mesma matéria, foram igualmente identificados alguns elementos de seringa de clister (GOMES, GOMES, GONÇALVES⁸).

Também em marfim foi recuperado um pente de dupla fiada, mostrando em ambas as dentes muito apertados, o que denuncia o seu provável uso como pente de piolhos (Fig. 5E). Pentas em marfim, osso ou madeira são frequentes em contextos portugueses, sendo conhecidos em Lisboa (TEIXEIRA, VILLADA PAREDES, SILVA, 2015, p. 137; GOMES, GOMES, GONÇALVES⁹), Coimbra (LEAL, FERREIRA, 2006/2007, p. 115, Figs. 30a e 30b), Montemor-o-Novo (Morbbase¹⁰), Torres Vedras (LUNA, AMARO, 2009, p. 94, fig. 148) e Angra do Heroísmo (GARCIA, MONTEIRO, PHANEUF, 1999, p. 230, fig. 19).

⁸ Neste mesmo volume.

⁹ *Idem*.

¹⁰ Pente MNCAS[T5/07]0690 - <http://montemorbase.com/basedados.php?Page=23#pagina687>

Em osso foram recolhidos quatro dados, tendo dois deles 0,01m de lado e os restantes apenas 0,009 m de lado (Figs. 5F-5I). Este tipo de objecto lúdico é frequente desde Época Romana, mas tendo em conta o contexto não se poderá pôr de lado a sua possível produção na prisão do Aljube, em Lisboa, onde o fabrico destes objectos em osso, entre outros, foi identificada em contextos da segunda metade do século XVI (FERREIRA, 2005/2006, p. 34). Colectaram-se dados idênticos no convento de Sant'Ana (GOMES, GOMES, GONÇALVES¹¹) e no castelo de Amieira do Tejo (SANTOS, FALCÃO, 2007, pp. 153-154, fig. 13).

4.3. Objectos metálicos

Os artefactos encontrados integram-se essencialmente em três conjuntos, os elementos de vestuário e de adorno, os objectos de carácter doméstico e os de função indeterminada.

Foram identificados vários tipos de fivelas em bronze, uma em argola (1) e outras de dupla argola (2), que embora pudessem ser usadas como elemento de vestuário, não se pode excluir a sua utilização em arreios de algum animal de carga (Figs. 6A-6C). Peças de formato idêntico foram encontradas em contextos do século XVIII durante as escavações na Igreja do Carmo, em Lisboa (FERREIRA e NEVES, 2005, pp. 606-607, n.ºs 1621 e 1652). Existem ainda algumas peças de formato quadrangular em ferro (3) que poderão ter sido de fivelas, mas o seu estado de conservação não permite verificar evidências de qualquer tipo de fixação ou da presença de um fuzilhão (Figs. 6E-6F). Também em ferro foi encontrado eventual fecho de cinturo, constituído por argola e gancho com vestígios de fixação em outro elemento desaparecido (Fig. 6D).

¹¹ Neste mesmo volume.

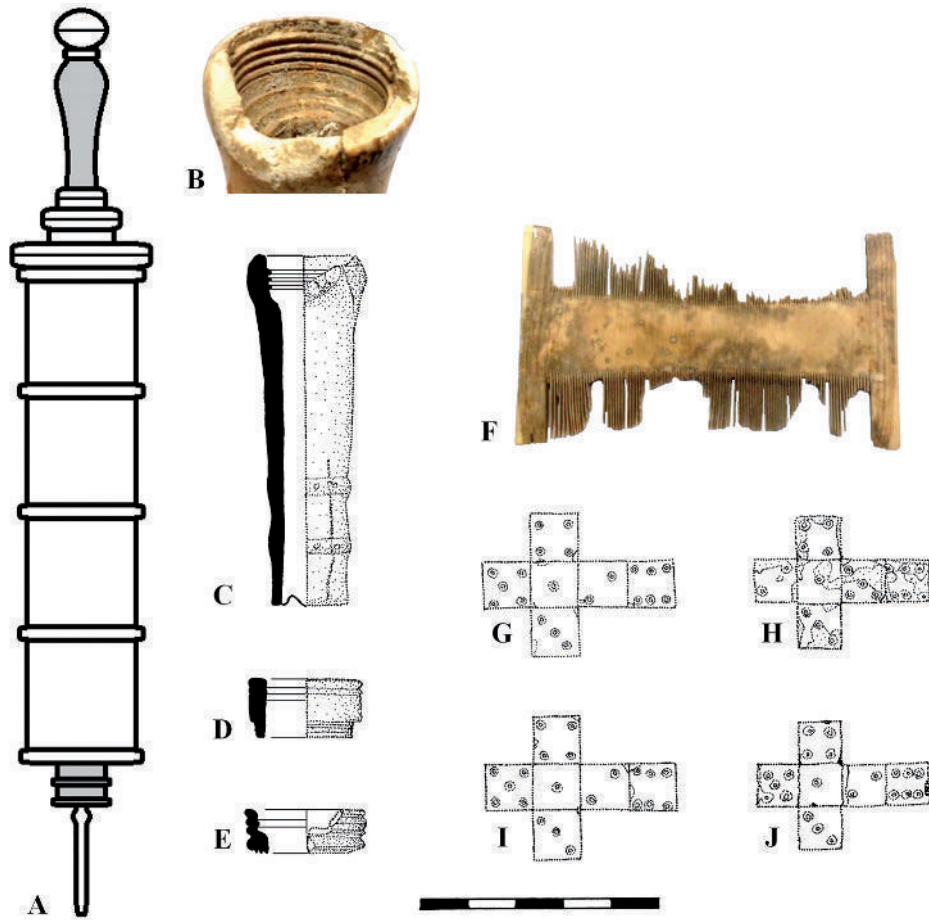


Figura 5 - Objectos em marfim e osso: A - Reconstituição de seringa de clister (não se encontra à escala); B - Pormenor do interior da peça proximal da seringa; C/D/E - Fragmentos de partes de seringa de clister em marfim; F - Pente de piolhos em marfim; G/H/I/J - Dados em osso.



Figura 6 - Objectos metálicos I: A - Argola em bronze; B/C - Fivelas em bronze; D - Fecho de cinturão em ferro; E/F - Fivelas (?) em ferro.



Figura 7 - Objectos metálicos II: A - Corrente em prata; B - Selo em chumbo; C - Medalha em cobre; D/E- Bolas em chumbo ou ferro fundido (?).

Ainda de possível uso no vestuário foram identificadas três pequenas bolas (Figs. 7D-7E), de chumbo ou ferro fundido, que podem ter sido usadas como pesos, como as que se encontram na exposição permanente de arqueologia do Núcleo Museológico do Mosteiro de São Vicente de Fora¹².

Recuperou-se selo duplo em chumbo (Fig. 7B), que apresenta numa das faces as armas de Portugal e na outra uma esfera armilar, como sucede com outros encontrados no Largo do Chafariz de Dentro (SILVA *et alii*, 2012: 82-83, Fig. 11, n.º 25; TEIXEIRA, VILLADA PAREDES, SILVA, 2015, p. 212) e no convento de Sant'Ana¹³, ambos em Lisboa, na Casa do Infante, no Porto (REAL *et alii*, 1993, p. 38), no castelo de Torres Vedras (LUNA, AMARO, 2009, pp. 102-103) e em diversos locais do Algarve (SOUSA, 2016). Designados como selos de têxteis (ou de panos) eram usados para fechar os sacos de transporte de tecidos quando estes eram comercializados de modo a garantir a qualidade do produto (LUNA, AMARO, 2009, p. 102).

Os elementos de adorno limitam-se a uma corrente de prata (Fig. 7A) e a uma medalha de cobre, de cariz religioso. Esta última mostra nas faces as efígies de São Pedro e São Paulo, estando a legenda ilegível (Fig. 7C). Estas peças eram adquiridas nas igrejas, nos conventos e nos mosteiros, pois era nesses locais que se vendiam tais artigos religiosos (LOURENÇO, 2011, p. 53).

Entre os elementos de mobiliário estão diversos tipos de cravos (bronze), pregos e cavilhas (ferro), alguns deles usados em cadeiras ou arcas, como o que mostra a cabeça gomada (Fig. 8G), ou em pequenos móveis ou mesmo em portas, como dois que mostram uma cabeça

muito destacada, com claros efeitos decorativos (Fig. 8E-8F). As cavilhas (Fig. 8D) podiam ter funções estruturais em tabiques usados para compartimentar espaços.

Foram recuperados diversos objectos do quotidiano em ferro, como sejam duas candeias (Fig. 8B-8C) e as lâminas de uma tesoura (Fig. 8H) e de uma faca (Fig. 9E). Eventualmente também de faca, foram colectados elementos octogonais, do mesmo material, que podem ter constituído o espelho da extremidade proximal do cabo daquelas, permitindo a fixação do eixo da lâmina da faca no interior do cabo com o mesmo tipo de secção (Figs. 9B-9D). Peça idêntica, mas em cobre, foi identificada em Castelo Branco (BOAVIDA, 2015, p. 14). Uma faca deste tipo surge representada em duas pinturas da autoria de Luis Meléndez (1716-1780), "*Bodegón, chorizos, jamón y cacharros*", que integram a colecção do Museu do Prado, em Madrid.

Foi possível igualmente reaver duas colheres. A primeira, em liga de cobre, preservar-se quase na totalidade, mostrando concha ligeiramente côncava, de formato periforme, do reverso da qual, em formato cauda de rato, arranca haste de secção circular, com 0,15 m de comprimento e um diâmetro médio de 0,07 m, que termina em quatro pequenas esferas pouco pronunciadas (Fig. 9F). É possível observar uma colher de formato idêntico, mas de madeira, no retábulo do antigo Mosteiro de Nossa Senhora da Estrela (Lisboa), nomeadamente no painel "Nascimento da Virgem". Aquela obra da autoria de Gregório Lopes (1513-1550) encontra-se exposta no Museu Nacional de Arte Antiga. O mesmo modelo de colher é visível no painel "*Natividade*" do retábulo da capela-mor da igreja do Convento de Jesus de Setúbal, atribuído a Jorge Afonso (1470-1540). Da outra colher, provavelmente de estanho, resta apenas a extremidade proximal (Fig. 9G). Em bronze foi encontrada uma pequena campainha (Fig. 8A).

¹² Informação cedida por Fernando E. Rodrigues Ferreira.

¹³ Informação cedida por Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes.



Figura 8 - Objectos metálicos III: A - Campainha em bronze; B/C - Candeias em ferro; D - Cavilha em ferro; E/F - Pregos em ferro; G - Cravo em cobre; H - Tesoura em ferro.

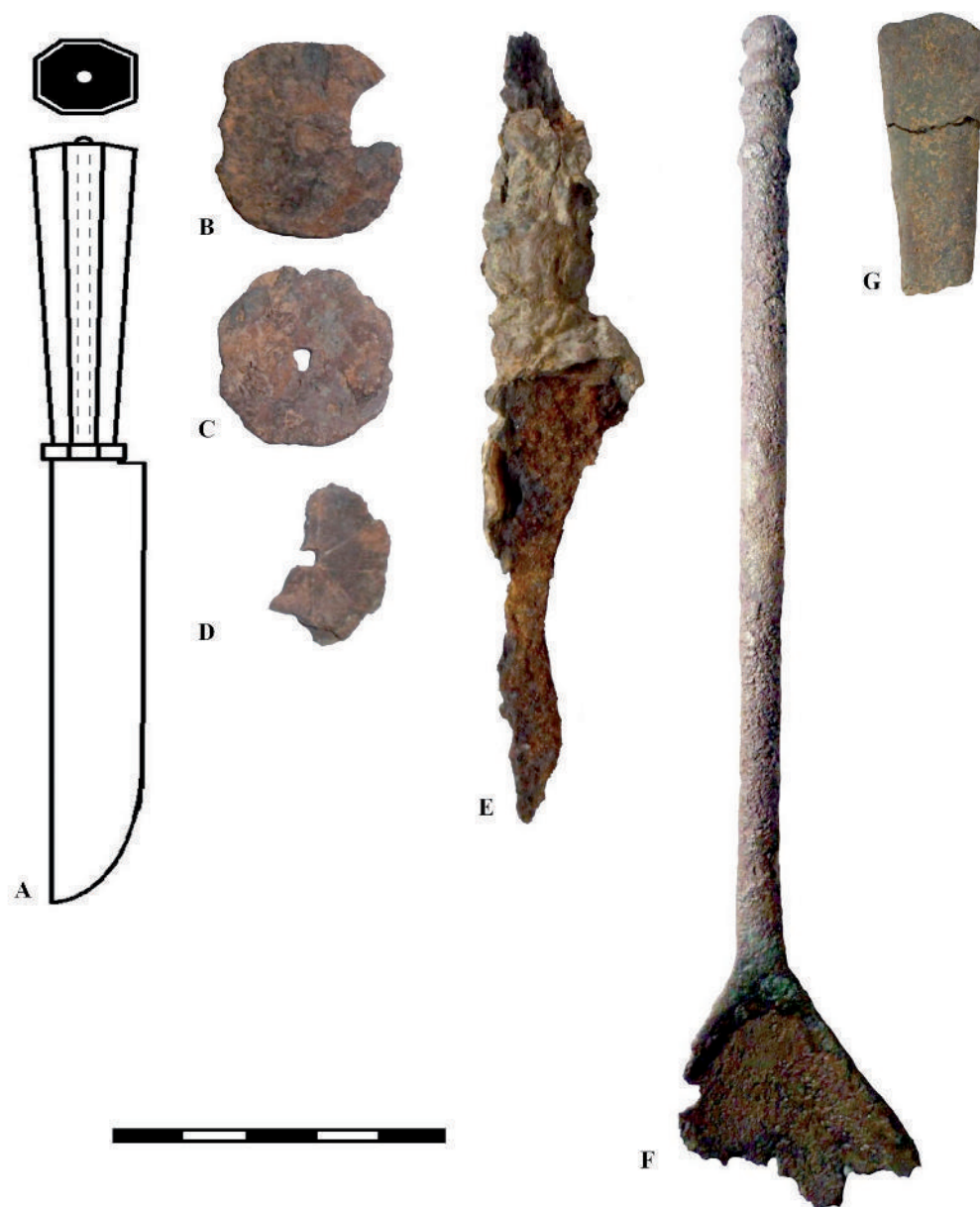


Figura 9 - Objectos metálicos IV: A - Reconstituição de faca com espelho metálico na extremidade proximal do cabo (não se encontra à escala) (Boavida, 2015: 15); B/C/D - Espelhos de cabo de faca em ferro; E - Faca em ferro; F - Colher em liga de cobre; G - Colher(?) em estanho.

Contam-se ainda no conjunto dos objectos do quotidiano, mas associadas à montaria, duas ferraduras em ferro, que podem ter sido usadas por cavalos ou por burros (Figs. 10A-10B).

Entre os objectos indeterminados estão várias peças em ferro, como um gancho (de formato em S – Fig. 10C), uma haste esalmada que mostra orifício em ambas as extremidades (o que poderá evidenciar que se encontrava articulada com outros elementos desaparecidos – Fig. 10G), uma eventual lâmina de serra (com dentes curtos, mas bastante largos – Fig. 10H) e três argolas, encontradas em conjunto, tendo a maior grande espigão que provavelmente permitia a sua fixação em outro objecto ou estrutura. Aquela última mostra ainda decoração criada por diversas incisões (Figs. 10D-10F).

Foram ainda recolhidas mais oito peças de função ou formato indeterminado e seis pregos em ferro.

4.4. Objectos em cabedal

O nível de humidade do contexto permitiu a preservação de vários restos de sapatos, nomeadamente das solas ou apenas da parte correspondente aos calcanhares. Estas solas eram constituídas por várias camadas finas de cabedal, que seriam provavelmente cozidas entre si, mas essa união já não subsiste. Na zona do calcanhar era feito um reforço com recurso a pregos de ferro, que nalguns exemplares ainda se preservam (Fig. 11).



Figura 10 - Objectos metálicos V: A/B - Ferraduras em ferro; C - Gancho em ferro; D - Argola em ferro com espigão; E/F - Argolas em ferro; G - Haste articulada (?) em ferro; H - Serra (?) em ferro.



Figura 11 - Objectos em cabedal Restos de Sapatos.

Em Lisboa, igualmente em meio húmido ou anaeróbico, encontraram-se sapatos no Beco do Espírito Santo (Alfama) (NOZES, SILVA, MIRANDA, 2007, p. 23), na Frente Ribeirinha (NEVES et alii, 2012, p. 618; NEVES, 2014, p. 267) e nos conventos de Jesus (CARDOSO, 2008, pp. 280-281) e de Sant'Ana¹⁴. Outros exemplares foram identificados em Castelo Branco (BOAVIDA, 2012b, p. 210), na Amieira do Tejo (SANTOS, FALCÃO, 2007, p. 153) e em Angra do Heroísmo (BETTENCOURT, 2014, p. 195).

4.5. Elementos pétreos

Neste conjunto identificaram-se alguns objectos que seriam usados na botica para a produção de unguentos, como é o caso de um almofariz em mármore branco (Fig. 12A) e eventual pilão (ou mão de almofariz) em calcário (?) (Fig. 12C). Foi também recuperada uma possível pedra para amolar lâminas de faca ou bisturi (Fig. 12B), em calcário, de formato tronco-piramidal quadrangular. Nas faces maiores aquela mostra múltiplas marcas de

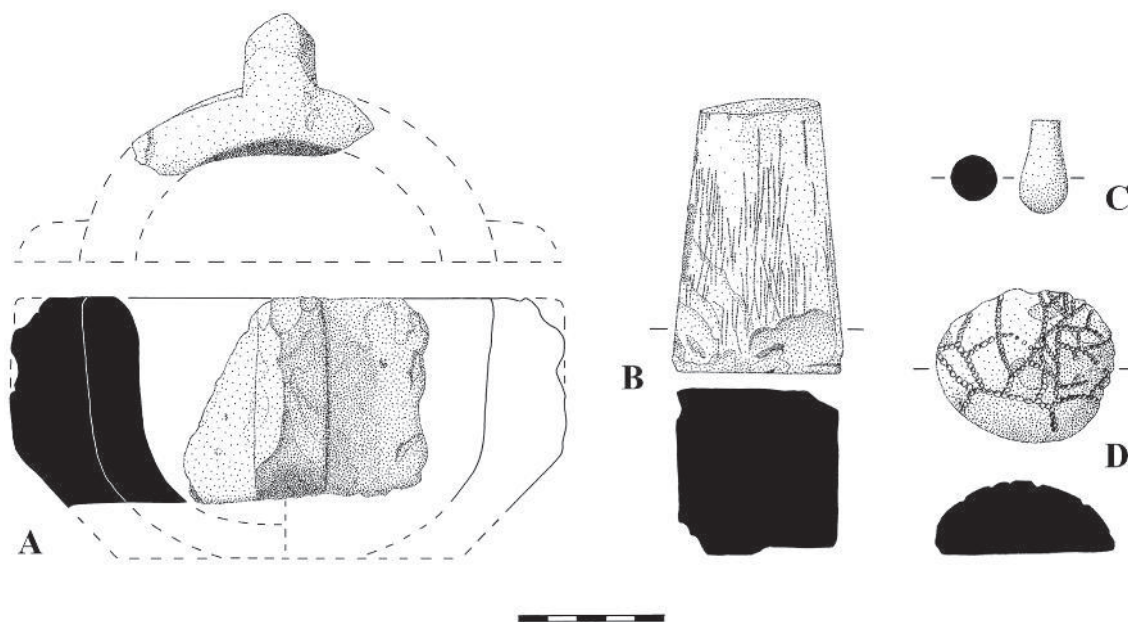


Figura 12 - Elementos pétreos I: A - Almofariz em mármore; B - Pedra de amolar em calcário; C - Pilão em calcário (?); D - Elemento indeterminado em calcário (?).

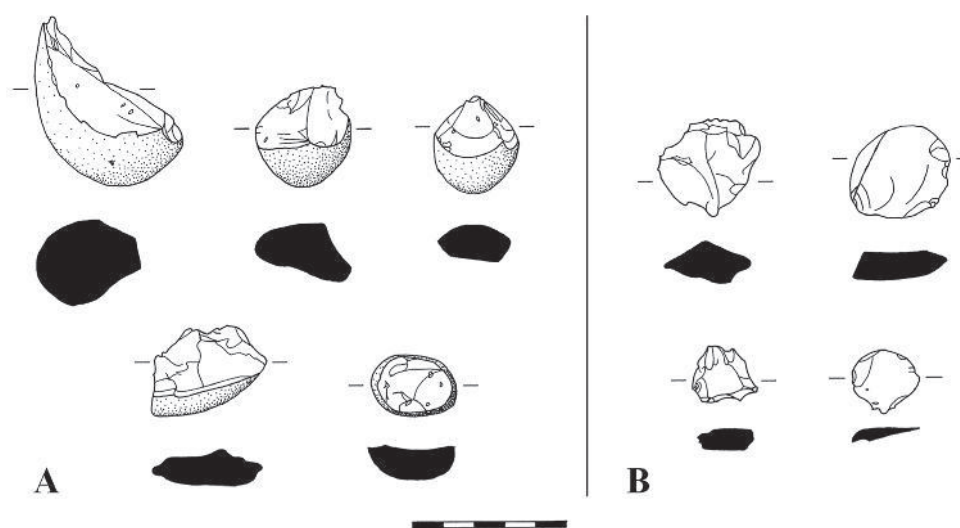


Figura 13 - Elementos pétreos II: Pederneiras: A - Núcleos em sílex; B - Lascas em sílex.

¹⁴ Informação cedida por Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes.

polimento por objecto metálico, assim como vários depósitos de ferro nas suas arestas, denunciando a posterior limpeza da lâmina. denunciando a limpeza da lâmina feita após o polimento da mesma. Igualmente de calcário existe fragmento de elemento arquitectónico e um fóssil afeichoado (Fig. 12D), ambos de funções indeterminadas.

Este conjunto inclui ainda, cerca de uma dezena de pedrneiras (Figs. 13A-13B), obtidas a partir de núcleos e lascas de sílex, destinadas a produzir lume (SILVA, GUINOTE, 1998, pp. 86-87).

4.6. Outros

Entre os objectos não cerâmicos foram ainda recolhidos no poço dois restos de madeira indeterminados (Figs. 14B-14C), além de várias tábuas e barrotes, e um provável caroço de pêsego (*Prunus persica*) (Fig. 14A). Em contextos dos séculos XVI-XVII identificados em São Vicente de Fora foram colectadas várias dezenas de caroços de pêsego, e de outros frutos, usados para produzir apitos, mostrando uma incisão em V (FERREIRA, 1983: 8-9, fig. 10), mas tal utilização não se verifica no exemplar aqui analisado.

Também foram recuperadas duas contas de azevi-che, provavelmente de pulseira. Tem formato subcircular achatado, mostrando a face superior facetada, criando

motivo estrelado (Figs. 14D-14E). Numa delas preserva-se o eixo metálico, talvez em cobre, que correspondia às cadeias da possível pulseira.

5. Considerações Finais

O presente estudo é um contributo para o conhecimento da cultura material da Época Moderna, em especial do Hospital Real de Todos-os-Santos. Embora o espólio analisado seja proveniente de um contexto muito restrito do ponto de vista espacial, o mesmo é também muito bem definido do ponto de vista cronológico, tendo sido recuperado espólio do século XVII e da 1.ª metade do século XVIII. Face a estas evidências, tendo em conta a localização do poço na área afectada pelo incêndio de 1750, é provável que o poço tenha sido desactivado no âmbito das obras de reconstrução em consequência daquele.

Os objectos recolhidos são um reflexo dos quotidianos de uma área do Hospital onde se localizavam as residências dos funcionários do mesmo, daí que se tenham encontrado diversos elementos de vestuário, assim como de mobiliário, a par de outros de uso doméstico, que nalguns casos, pela sua qualidade, revelam a presença de indivíduos de diversos estratos sociais.

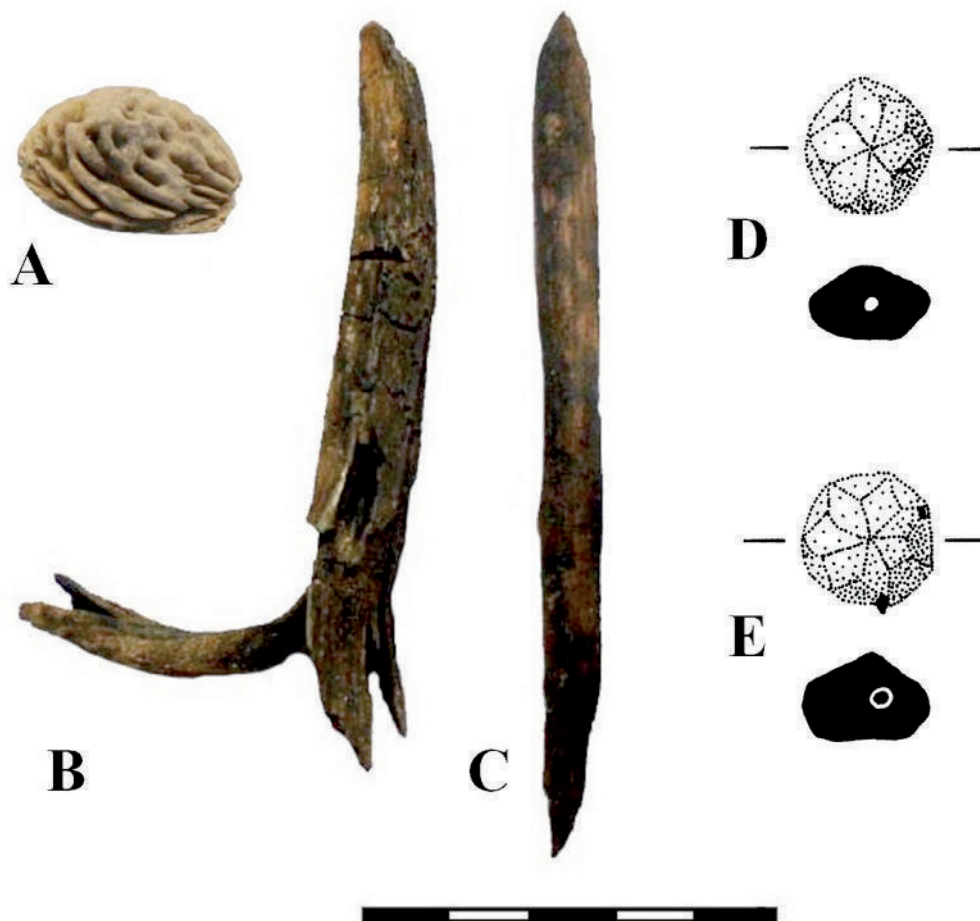


Figura 14 - Outros: A - Caroço de pêsego; B/C - Elementos indeterminados em madeira; D/E - Contas em azevi-che.

É também relevante a presença, embora reduzida, de alguns objectos de carácter médico-cirúrgico, como sejam a seringa de clister, o almofariz e o pilão, a pedra de amolar e a possível serra.

Agradecimentos

Pelas informações, dados e esclarecimentos fornecidos: Rodrigo Banha da Silva, Marina Carvalhinhos, Cristina Nozes, Nuno Mota, Paulo Botelho, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes, Fernando E. Rodrigues Ferreira, César Neves, Guilherme Cardoso, António Marques, Mário Marzagão, Joana Gonçalves, João Boavida, João Pedro Boavida, Edgar Fernandes e Rima Prakash.

Museu da Cidade / Depósito Bordalo Pinheiro (2004 / 2005) e Centro de Arqueologia de Lisboa (2015/2016).

Bibliografia

- ALBERTO, E. (2016): "Frei Tomás de Aquino e o Terramoto de Lisboa" in VIEGAS, I. M.; GOMES, M. (coord.) *Extraordinários sucessos do Terramoto de 1755. Memória histórica de frei Tomás de Aquino*. Lisboa, Arquivo Municipal, pp. 17-46.
- AMARAL, M.^a da C.; MIRANDA, T. C. P. R., coord. (2002): *De Olisipo a Lisboa: A Casa dos Bicos* (catálogo da exposição na Casa dos Bicos). Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- BARGÃO, A. (2015): *Vivências do Quotidiano do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa): os contextos do poço SE do claustro NE*; Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à FCSH/UNL (policopiado, não publicado).
- BARGÃO, A.; FERREIRA, S. (2016): "Evidências do quotidiano no Hospital Real de Todos-os-Santos, Lisboa: os contextos do poço SE do claustro NE", in COELHO, I. P.; TORRES, J. B.; GIL, L. S.; RAMOS, T. (coord.) *Entre a Ciência e a Cultura: Da interdisciplinariedade à transversalidade da Arqueologia. Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica* (ArqueoArte, 4). Lisboa, Centro de História de Além-Mar FCSH/UNL e UAç, Instituto de Estudos Medievais FCSH/UNL, pp. 235-244.
- BARROSO, C.; NASCIMENTO, P.; MATA, V. (2005): *Cerâmica comum do poço do claustro sudoeste do Hospital Real de Todos-os-Santos (IAU Praça da Figueira 1999-2001)*; trabalho apresentado à FCSH/UNL no âmbito da disciplina de Arqueologia Moderna (policopiado, não publicado).
- BASSO, M. P.; NETO, J. (2000): *Farmácia Portuguesa - Museu da Farmácia - 5000 anos de História*. Lisboa: Associação Nacional de Farmácias.
- BETTENCOURT, J. A. (2014): "Os navios da baía de Angra. Séculos XVI-XVII" in CARVALHO, A.; FERNANDES, M. A. (coord.), *O Tempo resgatado ao Mar* (catálogo da exposição no Museu Nacional de Arqueologia). Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia/DGPC/SEC e INCM.
- BOAVIDA, C. (2005): *Estudo de materiais não cerâmicos do poço do claustro sudoeste do Hospital Real de Todos-os-Santos. Os vidros, os artefactos em osso e os líticos*; trabalho apresentado à FCSH/UNL no âmbito da disciplina de Arqueologia Moderna (policopiado, não publicado).
- BOAVIDA, C. (2012a): "Espólio vítreo de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa, Portugal)" in TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, A. (coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 1 (ArqueoArte 1). Lisboa, Centro de História de Além-Mar FCSH/UNL e UAç, pp. 135-139.
- BOAVIDA, C. (2012b): Castelo de Castelo Branco (1979/84 e 2000): síntese dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos e principais conclusões. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15. Lisboa, Direcção-Geral do Património Cultural, pp. 195-218.
- BOAVIDA, C. (2015): "Da Cozinha" in RECHENA, A. (coord.), *Do Castelo. Do Tempo. Arqueologia no Castelo Branco*, catálogo da exposição no Museu Francisco Tavares Proença Júnior. Castelo Branco, Sociedade de Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, pp. 14-16.
- BOTELHO, P. (2002): *Cerâmicas esmaltadas do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos*; trabalho apresentado à FCSH/UNL no âmbito da disciplina de Arqueologia Moderna (policopiado, não publicado).
- BUGALHÃO, J.; TEIXEIRA, A. (2015): Os canos da Baixa de Lisboa no século XVI: leitura arqueológica; *Cadernos do Arquivo Municipal*, 4, S.2. Lisboa, Câmara Municipal, pp. 89-122.
- CARDOSO, A. P. (1996): O Terramoto de Lisboa (1755). Documentos do Arquivo do Vaticano. *Revista de História das Ideias*, 18. Coimbra, Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra, pp. 441-510.
- CARDOSO, F. A.; CASIMIRO, S.; ASSIS, S. (2013): "Panorama geral do espólio osteológico exumado na necrópole do extinto Hospital Real de Todos os Santos (Lisboa, século XV a XVIII)" in ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (eds.) *Arqueologia em Portugal - 150 Anos*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1103-1109.
- CARDOSO, J. L. (2008): Resultados das escavações arqueológicas no claustro do antigo Convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa) entre Julho e Dezembro de 2004. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11:1. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 259-284.
- CARMONA, M. (1954): O Hospital Real de Todos-os-Santos. *Boletim Clínico dos Hospitais Cívicos de Lisboa*, vol. 18, n.os 1-2. Lisboa, 444 p.
- CARMONA, M. (1960): O antigo Hospital de Todos-os-Santos e as actuais escavações na Praça da Figueira. *Olisipo*, 92. Lisboa, Grupo de Amigos de Lisboa, pp. 135-137.
- ESPINHEIRO, A. F. (1994): "Hospital Real de Todos-os-Santos" in SANTANA, F.; SUCENA, E. (dir.) *Dicionário de História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, pp. 449-451.
- FERREIRA, A. Rita M. (2005/2006): *Arqueozoológia num contexto prisional: Métodos e técnicas de trabalho do osso utilizados na prisão do Aljube-Lisboa na segunda metade do Século XVI*. Dissertação de Mestrado em Quaternário e Pré-História, apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (policopiado, não publicado).
- FERREIRA, F. E. R.; NEVES, M. C. M. (2005): "Intervenção arqueológica na Igreja do Convento do Carmo" in ARNAUD, J. M.; FERNANDES, C. V. (coord.) *Construindo a Memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 580-609.
- FERREIRA, F. E. R. (1983): Escavações do ossário de São Vicente de Fora - seu relacionamento com a História de Lisboa. *Revista Municipal*, 4 - S.II. Lisboa, Câmara Municipal, pp. 5-36.

- FERREIRA, M. (1997): Seventeenth and eighteenth century glass drinking vessels and bottles from Lisbon, Portugal. *Conímbriga*, 36. Coimbra, Instituto de Arqueologia FL/UC, pp. 183-190.
- GARCIA, C.; MONTEIRO, P.; PHANEUF, E. (1999): Os destroços dos navios Angra C e D descobertos durante a intervenção arqueológica subaquática realizada no quadro do projecto de construção de uma marina na baía de Angra do Heroísmo (Terceira, Açores). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2.2. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 211-232.
- GÓIS, D. de (2001): *Descrição da Cidade de Lisboa*; tradução, apresentação e notas José da Felicidade Alves (Cidade de Lisboa 3). Lisboa: Livros Horizonte.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V.; GONÇALVES, J. (neste volume) - "Objectos de uso pessoal, produzidos em matéria animal, do Convento de Santana, de Lisboa", in I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma cidade em construção, Lisboa, Centro de Arqueologia de Lisboa - CML.
- LEAL, C. C.; FERREIRA, M. A. (2006/2007): Cuidados de higiene e de saúde em uma comunidade monástica do século XVII: o caso do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. *Portugália*, Nova Série - 27/28. Porto, FL/UP, pp. 89-118.
- LEITE, A. C. (1993): "O Hospital Real de Todos-os-Santos" in PEREIRA, P. (dir.) *Hospital Real de Todos-os-Santos. Séculos XV a XVIII* (catálogo da exposição no Museu Rafael Bordalo Pinheiro). Lisboa, Câmara Municipal, pp. 5-19.
- LEITE, A. C. (2012): "Hospital Real de Todos-os-Santos. Uma obra moderna" in PENEDO, J. (coord.) *Omnia Sanctorum. Histórias da História do Hospital Real de Todos-os-Santos e dos seus sucessores*. Lisboa, By the Book e Centro Hospitalar de Lisboa Central, pp. 18-39.
- LOURENÇO, M. A. (2011): Algumas reflexões acerca dos objectos religiosos encontrados nas escavações no claustro da Academia das Ciências de Lisboa. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa: Classe de Ciências*, Tomo XLIII, vol. II (2006/2007); Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 49-76.
- LUNA, I.; AMARO, C. (2009): *Castelo de Torres Vedras, 2003: Relatório dos Trabalhos Arqueológicos*. Disponível em <https://historiasdetorresvedras.files.wordpress.com/2012/08/castelo.pdf> (consultado em Janeiro 2016).
- MAGALHÃES, J. R. (1993): O Poder: O Enquadramento do Espaço Nacional in MAGALHÃES, J. R. (coord.), *No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)* (História de Portugal III). Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 13-59.
- MATOSO, A. (2012): "Hospital de São José" in PENEDO, J. (coord.) *Omnia Sanctorum. Histórias da História do Hospital Real de Todos-os-Santos e dos seus sucessores*. Lisboa, By the Book e Centro Hospitalar de Lisboa Central, pp. 40-69.
- MOITA, I. (1964): Hospital Real de Todos-os-Santos - I. Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960; *Revista Municipal*, 101/102. Lisboa, Câmara Municipal, pp. 76-100.
- MOITA, I. (1965a): Hospital Real de Todos-os-Santos - II. Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960; *Revista Municipal*, 104/105. Lisboa, Câmara Municipal, pp. 25-103.
- MOITA, I. (1965b): Hospital Real de Todos-os-Santos - III. Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960; *Revista Municipal*, 106/107. Lisboa, Câmara Municipal, pp. 7-57.
- MOITA, I. (1966a): Hospital Real de Todos-os-Santos - IV. Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960; *Revista Municipal*, 108/109. Lisboa, Câmara Municipal, pp. 7-55.
- MOITA, I. (1966b): Hospital Real de Todos-os-Santos - V. Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960; *Revista Municipal*, 110/111. Lisboa, Câmara Municipal, pp. 41-59.
- MOITA, I. (1972): Noticiário arqueológico e artístico. *Revista Municipal*, 134/135. Lisboa, Câmara Municipal, pp. 92-94.
- MOITA, I. (1993): "O Hospital Real de Todos-os-Santos. Enfermarias - Aposentadorias - Serviços" in PEREIRA, Paulo (dir.) *Hospital Real de Todos-os-Santos. Séculos XV a XVIII* (catálogo da exposição no Museu Rafael Bordalo Pinheiro). Lisboa, Câmara Municipal, pp. 40-48.
- MOITA, I. (1994): "Lisboa no século XVI - A cidade e o ambiente" in MOITA, Irilva (coord.), *Livro de Lisboa*. Lisboa, Lisboa 94 e Livros Horizonte, pp. 139-167.
- MORBASE - *Base de Dados de património móvel material de origem em Montemor-o-Novo*, disponível em <http://montemorbases.com/basedados.php?Page=23#pagina687> (consultado em Março 2016).
- NEVES, C. A. (2014): Identificação de uma estrutura portuária no Terreiro do Paço (Lisboa); *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 17. Lisboa, Direcção-Geral do Património Cultural, pp. 263-272.
- NEVES, C. A.; MARTINS, A.; LOPES, G.; BLOT, M.^a L. (2012): "Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio (Lisboa). Identificação de vestígios arqueológicos de natureza portuária no subsolo urbano", in TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, A. (coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 2 (ArqueoArte 1). Lisboa, Centro de História de Além-Mar FCSH/UNL e UAç, pp. 613-626.
- NOZES, C.; SILVA, R. B. da; MIRANDA, P. (2007): "Beco do Espírito Santo, n.º 12-14 (Santo Estêvão, Alfama) - 2005/2006", in FERNANDES, L. (coord.), *A Arqueologia de Lisboa: Sessões no Museu da Cidade*. Lisboa, Divisão de Museus e Palácios (p. 23) (Disponível em <http://www.museudacidade.pt/> - Museu da Cidade: Arqueologia - consultado em Maio 2009).
- OLIVEIRA, F.; SILVA, R. B. da (2016): "Faiança Portuguesa dos contextos de abandono do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa): os dados do poço SE do claustro NE" in GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V. (edit.) *Proceedings First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*; Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências FCSH-UNL, pp. 91-100.
- PEREIRA, P. (dir.) (1993) - *Hospital Real de Todos-os-Santos. Séculos XV a XVIII* (catálogo da exposição no Museu Rafael Bordalo Pinheiro). Lisboa, Câmara Municipal.
- POLICARPO, R.; RIBEIRO, I. (2005): *A cerâmica vidrada do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos*; trabalho apresentado à FCSH/UNL no âmbito da disciplina de Arqueologia Moderna (policopiado, não publicado).

- REAL, M. L.; GOMES, P. D.; TEIXEIRA, R. J.; MELO, M. R. (1993): "A cidade do Rei: o outro lado do rio da vila" in OSÓRIO, M. I. N. P. (coord.) – *O Porto das Mil Idades. Arqueologia na cidade* (catálogo da exposição na Casa Tait), Porto, Câmara Municipal, pp. 35-38.
- RODRIGUES, A. F. N. (2004): *Cerâmicas moldadas do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos*; trabalho apresentado à FCSH/UNL no âmbito da disciplina de Arqueologia Moderna (policopiado, não publicado).
- ROLO, R. (1994) – "São Domingos (igreja e convento de)" in SANTANA, F.; SUCENA, E. (dir.), *Dicionário de História de Lisboa*. Lisboa, Carlos Quintas e Associados, pp. 794-797.
- SALGADO, A. M. (1987): *O Hospital de São José. Como surgiu o seu nome*. Lisboa (7 p.).
- SALGADO, A. M. (2015): *O Hospital de Todos-os-Santos. Assistência à pobreza em Portugal no século XVI. A irradiação da assistência médica para o Brasil, Índia e Japão*. Lisboa, By the Book, Edições Especiais.
- SANTOS, H. V.; FALCÃO, T. M. (2007): Castelo de Amieira: diálogos entre a arqueologia, a arquitectura e uma certa arqueologia sentimental. *Património/Estudos*, 10. Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 148-154.
- SILVA, R. B. da; GUINOTE, P. (1998): *O quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos: roteiro arqueológico e documental dos espaços e objectos*. Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- SILVA, R. B. da; LEITE, A. C. (2015): "O Hospital Real de Todos-os-Santos" in Teixeira, A.; Villada Paredes, F.; Silva, R. B. da (coord.) *Lisboa 1415 Ceuta – História de duas cidades* (catálogo da exposição na Galeria de Exposições da CML). Lisboa, Ciudad Autonoma de Ceuta/CEC; Câmara Municipal de Lisboa/DMC/DPC, pp. 49-53.
- SILVA, R. B. da; MIRANDA, P.; VIEIRA, V. N.; VICENTE, A. M.; LOPES, G. C.; NOZES, C. (2012): "Largo do Chafariz de Dentro. Alfama em Época Moderna" in TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, A. (coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 1 (ArqueoArte 1). Lisboa, Centro de História de Além-Mar FCSH/UNL e UAç, pp. 71-84.
- SILVA, R. B. da; RODRIGUES, A. F. (2015): *Cerâmicas finas barrocas de um contexto de finais do século XVII - inícios do século XVIII de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa)*; Estudos e Relatórios de Arqueologia Tagana, 1; Lisboa.
- SOUSA, J. de (2016): *Os Selos de chumbo. Os testemunhos dos intercâmbios comerciais e do controlo fiscal no Algarve do século XV ao século XIX*. Portimão: Associação Projecto IPSIIS.
- TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B. da (coord.) (2015): *Lisboa 1415 Ceuta – História de duas cidades* (catálogo da exposição na Galeria de Exposições da CML). Lisboa, Ciudad Autonoma de Ceuta/CEC; Câmara Municipal de Lisboa/DMC/DPC.

A cidade [de Lisboa] vive atualmente um extraordinário momento de renovação que dá diariamente origem às dezenas de trabalhos em curso. Em 2014, foi registado o valor mais elevado de autorizações para trabalhos arqueológicos desde a constituição do Plano Diretor Municipal, em 1994: 245 pedidos. Toda esta dinâmica traduz-se, natural e desejavelmente, num acentuado acréscimo de informações acerca do espaço geográfico que a cidade ocupa, acompanhado por um cada vez maior número de vestígios materiais, estruturais e artefactuais, que vão enriquecendo o conhecimento e o património de Lisboa. A aceleração da atividade arqueológica que testemunhamos em Lisboa, acompanhada e apoiada de perto pelo CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa, tal como a entusiasmante, e quase diária, descoberta de novas informações, de novos espólios e de outros vestígios do passado, constitui um permanente desafio para as entidades, para os cidadãos e em particular para os diferentes agentes profissionais, arqueólogos, urbanistas, arquitetos, entre outros. Torna-se, por isso, cada vez mais importante e necessária a criação de espaços como este *Encontro de Arqueologia de Lisboa*, entendido como meio de divulgação, debate e de partilha deste notável conhecimento adquirido sobre a cidade.